

### **Definições de História Oral**

“A história oral foi instituída em 1948 como **uma técnica moderna de documentação histórica**, quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana.”  
(*Oral History Association* – EUA; citado por THOMPSON,1992:89)

“A história oral é **a utilização sistemática da pesquisa oral pelo historiador.**”  
(JOUTARD In:BURGUIÈRE,1986:495)

“**Mais do que uma ferramenta, e menos que uma disciplina.**”  
(Louiss Starr, citado por TREBITSCH In:FERREIRA,1994:19)

“Por História Oral se entende **o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades**, independentemente da área de conhecimento na qual essa metodologia é utilizada.”  
(Estatuto da *Associação Brasileira de História Oral*, fundada em 1994, Art.1º, par.1º; In: Revista de História Oral, nº1, 1998:14)

“A história oral é **uma história construída em torno de pessoas**. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.”  
(THOMPSON,1992:44)

“A história oral só nos **relata o trivial sobre as pessoas importantes e as coisas importantes (através da sua própria visão) das pessoas triviais.**”  
(PRINS,Gwyn In:BURKE,1992:172, resumindo objeções à história oral – das quais PRINS não compartilha)

“a História Oral, no fundo, é **um instrumento pós-moderno para se entender a realidade contemporânea**. (...) Pós-moderno por sua elasticidade, por sua imprevisibilidade, por sua flexibilidade.”  
(CAMARGO,Aspásia In:FERREIRA,1994:75-76)

“Há, segundo me parece, um consenso em que a História Oral é **um trabalho de pesquisa, que tem por base um projeto e que se baseia em fontes orais, coletadas em situação de entrevista.**”  
(LANG,Alice Beatriz da Silva Gordo In:MEIHY,1996:34)

“Em vista deste conjunto de procedimentos, pode-se aventurar uma definição de História Oral como **um conjunto de procedimentos** que vão desde o **planejamento do projeto**, **a definição da colônia** [“um grupo amplo que tenha uma ‘comunidade de destino’], **a eleição das redes** [subdivisões significativas da “colônia”], **o estabelecimento de uma pergunta de corte** [um dilema comum, importante e explicativo da experiência coletiva, um recurso básico de unidade dos depoimentos, questão que deve estar presente em todas as entrevistas], **a elaboração das entrevistas**, **a feita dos textos** e **a devida guarda**, **a conferência** e **a devolução do documento à comunidade** que o gerou. No caso de caber **análises** (...) dependerão do término da fase anterior.”

(MEIHY, José Carlos Sebe Bom In: MEIHY, 1996:54)

“Que é, então, a história oral ? É **um procedimento válido de investigação no trabalho do historiador** e, num sentido secundário, das formas de historiografia criadas criadas por esta investigação. (...) A história oral são **as memórias e recordações de gente viva sobre seu passado.**”

(SITTON, 1989:12)

“**Entendida como metodologia**, a história oral remete a **uma dimensão técnica** e a **uma dimensão teórica**. Esta última evidentemente a transcende e concerne à disciplina histórica como um todo.”

(FERREIRA, M. & AMADO, J. In: FERREIRA & AMADO, 1998:viii)

“(...) é possível reduzir a três as principais posturas a respeito do status da história oral. A primeira advoga ser a história oral **uma técnica**; a segunda, **uma disciplina**; e a terceira, **uma metodologia.**”

(FERREIRA, M. & AMADO, J. In: FERREIRA & AMADO, 1998:viii)

[i] “Aos **defensores da história oral como técnica** interessam as experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que as cerca: tipos de aparelhagem de som, formas de transcrição de fitas, modelos de organização de acervo etc. Alguns defensores dessa posição são pessoas envolvidas diretamente na constituição e conservação de acervos orais; muitos são cientistas sociais cujos trabalhos se baseiam em outros tipos de fontes (em geral, escritas) e que utilizam as entrevistas de modo eventual, sempre como fontes de informação complementar. (...) A essas pessoas, entretanto, somam-se as que efetivamente concebem a história oral como uma técnica, negando-lhe qualquer pretensão metodológica ou teórica: *‘A chamada ‘história oral’ não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas. Querer mais do que isso é ingressar no terreno da mais pura fantasia. A história oral não possui os fundamentos filosóficos da teoria, nem os procedimentos que [...] possam ser qualificados como metodológicos. Ela é fruto do cruzamento da tecnologia do século XX com a eterna curiosidade do ser humano’* (Roger, William. Notes on oral history. International Journal of Oral History, 7(1):23-8, Feb. 1986) “

(FERREIRA, M. & AMADO, J. In: FERREIRA & AMADO, 1998:xii-xiii)

[ii] “Os que **postulam para a história oral o status de disciplina** baseiam-se em argumentos complexos (...) parecem partir de uma idéia fundamental: a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; este conjunto, por sua vez, norteia as outras duas instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo do conhecimento: *‘Pensar a história oral dissociada da teoria é o mesmo que conceber*

qualquer tipo de história como um conjunto de técnicas, incapaz de refletir sobre si mesma [...] Não só a história oral é teórica, como *constituiu um corpus teórico distinto*, diretamente relacionado às suas práticas” (Mikka,Ian. What on earth is oral history? In: Elliot,James K.(ed.).New trails in history.Sydney:Australian Press,1988.pp.124-136) (FERREIRA,M. & AMADO,J. In:FERREIRA & AMADO,1998:xiii)

[iii] “Entre os **defensores da história oral como metodologia** situam-se as autoras desta apresentação e organizadoras do presente livro. (...) A divergência entre os que pensam como nós e os postulantes da história oral como disciplina reside em outro ponto: estes reconhecem na história oral uma área de estudos próprio e capacidade (como o fazem todas as disciplinas) de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas na prática – no caso específico, questões como as imbricações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia e autobiografia, entre diversas apropriações sociais do discurso.

”Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar*, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas.

As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico. (...) Apenas a teoria da história é capaz de fazê-lo, pois se dedica, entre outros assuntos, a pensar os *conceitos* de história e memória, assim como as complexas *relações* entre ambos.”

(FERREIRA,M. & AMADO,J. In:FERREIRA & AMADO,1998:xiv-xv)

“(...) é antes **um espaço de contato e influências interdisciplinares (...)** com ênfase **nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais**. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. (...) a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.”

(LOZANO,Jorge Eduardo Aceves In:FERREIRA & AMADO,1998:16)

“**Não voltemos à expressão ‘história oral’**. Ela se tornou inadequada e só deveria ser empregada a título histórico, para qualificar o período historiográfico dos anos 50 aos 80. (...) Portanto, se a história oral é entendida como um método, ela deve incluir-se na história do tempo presente, e se ela serve para designar a parte pelo todo, **a expressão deve ser abandonada em prol da história feita com testemunhas.**”

(VOLDMAN,Danièle In:FERREIRA & AMADO,1998:34)